

O TEATRO DE ANCHIETA E SEU PROCESSO PEDAGÓGICO

SILVA CAMARGO, Sheyla Hundzinski*

Resumo: Este artigo apresentará a compreensão do uso do teatro como um recurso pedagógico, utilizado na catequização indígena, no período da colonização do Brasil, trazido por José de Anchieta, em 1549. Para que possamos entender o processo pedagógico inserido nas práticas do teatro anchietano, em 1549, precisamos conhecer como o mesmo apareceu no Brasil. Os autos de Anchieta foram inseridos concomitantemente à ocupação territorial patrocinada pela Coroa Portuguesa, visando atender ao processo de catequização, utilizando-se do teatro como um instrumento pedagógico no século XVI. Apresentaremos os objetivos da catequização em seus diversos interesses, políticos e culturais, retratando as mudanças ocorridas na cultura indígena, para a inserção de uma nova cultura, de um novo ideal de homem, exigências da corte portuguesa, a qual estava estabelecendo seus ideais nesse novo território.

Palavras-chave: Instrumento pedagógico; teatro; catequização; educação.

THE ANCHIETA'S THEATER AND ITS EDUCATIONAL PROCESS

Abstract: This article will present the comprehension of the use of theater as an educational process, used in native catechesis, in period of Brazil colonization, brought by José de Anchieta, in 1549. In order to understand the educational process inserted in theater practices in 1549, we need to know how it appeared in Brazil. The Anchieta's documents were concomitantly inserted with territorial occupation supported by the Portuguese Crown, aiming to attend the process of catechesis, using theater as a different pedagogic instrument in the sixteenth century. We will present the objectives of catechesis in its various interests, political and cultural, depicting the changes occurred in the indigenous culture, for the insertion of a new culture, of a new ideal of man, which was required by the Portuguese Court, which was establishing its ideals in this new territory.

Key Words: Pedagogic instrument; theater; catechesis; education.

* Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa compreender o teatro anchietano como processo pedagógico, para que possamos conhecer os diversos modos de educação desde o momento de colonização do Brasil, até os dias atuais, compreendendo as necessidades de cada momento educacional. Analisando os autos que José de Anchieta escreveu, poderemos localizar e compreender os processos pedagógicos inseridos nos mesmos. Para iniciar este artigo, realizamos a escrita do momento histórico da chegada dos portugueses ao Brasil, desde sua aproximação com os indígenas até sua investida para colonizar o território brasileiro, sob a orientação do rei de Portugal. Em um segundo momento, apresentaremos a Companhia de Jesus que aportou no Brasil em 29 de março de 1549, na frota de Tomé de Souza. Chefiados pelo Padre Manoel da Nóbrega, o qual fazia parte da Companhia de Jesus e que iniciou o processo a catequização no processo de colonização do Brasil, trouxe os jesuítas, como eram denominados os religiosos da Companhia de Jesus, que vieram ao Brasil a pedido do rei de Portugal, com o objetivo de difundir, entre os indígenas, a fé cristã. Muitas das primeiras impressões dos jesuítas em relação aos indígenas pudemos mostrar por meio de trechos das cartas do Padre Manoel da Nóbrega. Nesta apresentação da Companhia de Jesus também prestamos atenção ao Padre José de Anchieta, o qual escreveu os autos, que foram utilizados para a catequização dos indígenas.

Posteriormente à exposição da Companhia de Jesus, apresentaremos os índios encontrados no território brasileiro, mostrando algumas das características deles e as dificuldades que os jesuítas tiveram para exterminar a cultura indígena. Logo após, apresentaremos o significado da catequização no início do século XVI, percebendo que a intenção dos jesuítas era apresentar a fé cristã como solução para a salvação dos pecados e, com isso, exterminar as características culturais dos indígenas, a qual era um processo de aculturação. Nóbrega teve que adequar os ensinamentos às diversas situações da cultura indígena, para que tivesse êxito em suas ações. Para finalizar, faremos uma análise do teatro de Anchieta, enfatizando seu processo educacional, apresentando citações dos autos da “Festa de São Lourenço” e do auto “Das onze mil virgens”, para que possamos comparar as semelhanças no conceito educativo entre eles.

2. O MOMENTO HISTÓRICO DA CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL

Para realizar a análise dos autos anchietanos e seus processos pedagógicos, precisamos conhecer o momento histórico no qual este padre veio para o Brasil, para que possamos compreender todo o contexto histórico daquele momento, para então compreendermos a utilização dos processos educativos para a catequização. Em 22 de abril de 1500, os portugueses avistaram a costa brasileira, ancorando dois dias depois na Baía de Cabrália e, em primeiro de maio de 1500, eles tomavam posse da nova terra, em nome do rei de Portugal. A estas terras chegaram, então, portugueses enviados pela Coroa Portuguesa, com a intenção de encontrar riquezas que seriam encaminhadas a terra de origem dos mesmos. O que eles não imaginavam é que nestas terras já existiam moradores, como Pero Vaz de Caminha relata em sua Carta:

[...] Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro [...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas, vinham todos rijamente sobre o batel [...] (GUIA DO TERCEIRO MUNDO, 1986, p. 25-30).¹

A partir desse momento, teve início um grande trabalho de aproximação, em que os portugueses muitas vezes foram acuados pelos índios. Em outros momentos, esses conflitos eram apaziguados por diversos interesses, o que “facilitou” a entrada e fixação dos portugueses nas terras brasileiras. Segundo Costa (2010, p. 38):

Após o reconhecimento formal da existência da Nova Terra, em 1500, passaram-se aproximadamente trinta anos para o início efetivo da colonização. No corrente período, a Coroa portuguesa concentrou-se na exploração de outras colônias, na África e na Ásia, e na busca da melhor forma de colonizar o Brasil que desse conta de povoar, extrair riquezas para a metrópole, defender as fronteiras e ocupar as grandes extensões de terra.

¹ Fonte: GUIA TERCEIRO MUNDO. Rio de Janeiro, 1986. p. 25-30. O original encontra-se no Arquivo Nacional da Torre de Tombo, Corpo Cronológico, Parte 3ª, março 2, n. 2.

Dentre os interesses podemos apresentar os objetos que os portugueses traziam para realizar trocas com os índios, trocavam estes, por riquezas das terras brasileiras, dentre as quais podemos citar o Pau-Brasil.

No ano de 1530, o rei de Portugal organizou a primeira expedição com claros objetivos de colonização. Esta foi comandada por Martim Afonso de Souza e tinha como objetivo povoar o território brasileiro. Porém, ocorreu um desempenho insatisfatório dos sistemas de capitânicas hereditárias², pela descentralização do sistema, como afirma Costa (2010, p. 39), ao apresentar as diversas dificuldades daquelas:

Vários foram os fatores que impediram que o sistema de Capitânicas adotado não obtivesse êxito. Contribuíram a distância entre a metrópole portuguesa e a capitania, o que ocasionava a demora nas respostas às necessidades dos colonos. Em uma correspondência significativa Duarte Coelho reclama ao monarca português que por três anos e por vias diferentes tentou se comunicar com a Coroa mas não obteve retorno. Outro fator que podemos elencar é a distância entre as capitânicas e a falta de unidade na defesa contra os indígenas que atacavam constantemente, além do investimento alto para a manutenção da capitania.

O rei de Portugal decidiu organizar o Governo-Geral do Brasil, em 1549, o qual foi uma segunda forma de colonização do território brasileiro, dando início a um poder público português na colônia. De acordo com Mesgravis (1994), este tinha o objetivo de centralizar o poder na Colônia, apresentando seus primeiros governadores-gerais: Tomé de Souza (1549-1553), Duarte da Costa (1553-1558) e Mem de Sá (1558-1573), os quais eram encarregados das tarefas administrativas da colônia pelo prazo mínimo de três anos.

A expedição de Tomé de Souza chegou ao Brasil em 29 de março de 1549 e, ao aportar no país, fundou a cidade de Salvador como a primeira da Colônia. O Governo-Geral centralizou a administração colonial nessa cidade, subordinando as

² Entre os anos de 1534 e 1536, o rei de Portugal D. João III resolveu dividir a terra brasileira em faixas, que partiam do litoral até a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Estas enormes faixas de terras, conhecidas como Capitânicas Hereditárias, foram doadas para nobres e pessoas de confiança do rei. Estes que recebiam as terras, chamados de donatários, tinham a função de administrar, colonizar, proteger e desenvolver a região. Cabia também aos donatários combater os índios de tribos que tentavam resistir à ocupação do território. Em troca destes serviços, além das terras, os donatários recebiam algumas regalias, como a permissão de explorar as riquezas minerais e vegetais da região. Estes territórios seriam transmitidos de forma hereditária, ou seja, passariam de pai para filho. Fato que explica o nome deste primeiro sistema de colonização.

capitanias a um só governador-geral que tornasse mais rápido o processo de colonização.

Os resultados da implantação desse Governo-Geral podem ser vistos a partir do desenvolvimento agrícola, incentivo à mão de obra escrava africana e à catequização indígena, que é o nosso foco de estudo. Mas como colonizar aqueles homens que tinham outra cultura, outras maneiras de viver? Foi necessário, então, enviar ao Brasil os padres jesuítas, os quais faziam parte da Companhia de Jesus.

3. A COMPANHIA DE JESUS

Os padres jesuítas formavam uma ordem religiosa que, de acordo com Costa (2010), passou a trabalhar com a educação em colégios e com as missões, mas esse não foi o primeiro objetivo da ordem. A primeira intenção da Companhia de Jesus foi se encaminhar até Jerusalém e libertá-la dos infiéis. Com o tempo, ela passou a se orientar de acordo com as necessidades que se apresentavam.

Inácio de Loyola foi o precursor dessa Companhia, unido a mais seis companheiros, fazendo votos de pobreza, castidade e obediência. Assim, todos os que nela entravam faziam a confirmação desses votos. Além disso, a Companhia era regida por normas e regras, como podemos confirmar nas palavras de Costa (2010, p. 19):

Os que optavam por seguir a carreira religiosa faziam os votos de pobreza, castidade e obediência. As bases organizacionais da ordem estavam explicitadas nas constituições jesuítas, escritas por Inácio de Loyola e adotadas a partir de 1544, mas tornadas oficiais em 1556. A organização estava sobre as bases da disciplina e a obediência às determinações do Papa e dos superiores pela escala hierárquica, conforme explicitado nas **Constituições da Companhia de Jesus** (COSTA, 2004, p. 162), pela expressão *perinde ac cadáver* (como se fosse um cadáver) (COSTA, 2010, p. 19).

Os primeiros missionários da Companhia de Jesus chegaram ao Brasil com a missão de iniciar a catequese e a instrução na colônia. Os jesuítas tiveram a função de mudar, transformar as atitudes daquele povo que eles caracterizavam como rude

e “ameaçador” em indivíduos que pudessem conviver em sociedade, com uma fé cristã dentro dos moldes da sociedade portuguesa, a partir da educação. Os missionários que se destacaram, segundo Costa (2010), foram Nóbrega e Anchieta.

O Padre José de Anchieta foi solicitado pela Coroa Portuguesa a ir ao Brasil com o intuito de melhorar sua saúde e, principalmente, auxiliar os jesuítas a catequizar os índios, utilizando-se de outras formas de catequização, como o teatro.

José de Anchieta nasceu em 1534 em S. Cristóvão, na ilha de Tenerife, uma das Canárias, seu pai era João López de Anchieta e sua mãe, Mência Dáz de Clavijo y Liarena. cursou as primeiras letras e os rudimentos do latim na terra natal e aos 14 anos foi para Coimbra e completou o curso superior de Letras, de 1548 a 1551, quando entrou para a Companhia de Jesus (ANCHIETA, 1977).

Como citado anteriormente, os jesuítas chegaram ao Brasil na frota de Tomé de Souza, a qual trazia centenas de colonos, degredados e religiosos, estes últimos chefiados pelo Padre jesuíta Manuel da Nóbrega.

Os jesuítas tinham como objetivo ajudar os portugueses a inserir a fé cristã no Brasil, auxiliando também no processo de colonização. Em uma de suas cartas³ Nóbrega relata o momento de sua chegada:

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mez de março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinqüenta moradores na povoação que antes era. Receberam-n'os com alegria. Achamos uma maneira de igreja, juncto da qual logo nos aposentamos os Pares e os Irmãos em umas casas a par della, que não foi pouca consolação para nós, para dizermos missas e confesarmos (CARTAS DO BRASIL, 1931, p. 71).

Nóbrega também apresenta algumas características sobre as pessoas e costumes daquele lugar: “[...] tem esta terra mil léguas de costa, toda povoada de gente que anda nua, assim mulheres como homens [...] é terra mui húmida, pelas muitas águas que chovem” (CARTAS DO BRASIL, 1931, p. 97). Percebe-se que o mesmo apresenta todas as características possíveis para um melhor entendimento do rei de Portugal, sobre as terras que estavam sendo colonizadas.

³ Carta ao Padre Mestre Simão sobre a chegada ao Brasil em 29 de março de 1549. Nestas cartas os padres escreviam para a metrópole, como uma forma de mantê-la informada sobre os acontecimentos.

Durante a escrita da carta sobre as informações do Brasil em relação aos alimentos e aos povos, Nóbrega apresenta dois grupos que se comunicam com os jesuítas, os Tupiniquins e os Tupinambás. Neste trecho da carta ele apresenta os modos de vida desses grupos:

Estes têm casas de palmas mui grandes, e dellas em que pousarão cinquenta índios com suas mulheres e filhos. Dormem em redes d'algodão junto do fogo, que toda a noite têm aceso, assim por amor do frio, porque andam nus, como também pelos Demônios que dizem fugir do fogo. Pela qual causa trazem tições de noite quando vão fóra. Esta gentildade nenhuma cousa adora, nem conhece a Deus; somente aos trovões chama Tupane, que é como quem diz cousa divina. E assim nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus que chama-lhe Pae Tupane (CARTAS DO BRASIL, 1931, p. 99).

Mas, também, Nóbrega já apresentava a preocupação, logo após a sua chegada, do início da catequização, por meio do batismo:

Dos que achamos mais seguros, batizamos já cem pessoas pouco mais ou menos, e começamos na festa do Espírito Santo, que é tempo ordenado pela Igreja. E haverá bem seiscentos ou setecentos catecúmenos para batizar em breve, os quais aprendem todos muito bem, e alguns andam já atrás de nós pelos caminhos, perguntando-nos quando os havemos de batizar com grande desejo, prometendo viver como nós lhes dizemos (NÓBREGA, 1955, p. 51).

Pelos trechos das cartas percebemos a preocupação em manter o rei de Portugal informado de todos os fatos e acontecimentos, que eram realizados dentro da Colônia, para que o mesmo conhecesse por meio das cartas, tudo que pudesse da nova terra colonizada.

4. OS ÍNDIOS NO BRASIL

Os índios já faziam parte das terras brasileiras, com sua própria cultura, regras e instruções, muito antes de os portugueses aportarem no Brasil. No país existiam milhares de tribos espalhadas por todo o território e cada tribo tinha uma língua. Para confirmar a diferente cultura dos índios, destacamos o que Costa (2010, p. 57) apresenta:

Um indígena, no seio de sua sociedade, aprendia ao longo de sua vida a produzir tudo o que precisava em sua sobrevivência. Produzia suas armas, o arco, a flecha e a zarabatana, tecia o algodão, fazia a rede, a canoa, a oca e o cauim, além da farinha de mandioca. Os trabalhos eram divididos segundo o sexo.

Nesta citação percebemos a autonomia que os indígenas tinham dentro de sua sociedade, eles se utilizavam de todos os recursos que aquelas terras lhes ofereciam, para a manutenção de suas vidas.

Cada tribo tinha sua língua, o que dificultava o trabalho dos jesuítas frente à catequização, como podemos compreender na fala de Neves (1993, p. 32):

Uma grande preocupação, que precisa ser resolvida, é a de estabelecer comunicações com os selvagens, até porque não existia apenas uma língua indígena na Colônia. Havia uma diversidade e uma complexidade no linguajar o que dificultava em muito o pleno domínio de todas elas. A expectativa de dominar o vocabulário indígena apresentava-se para os jesuítas como um trabalho que exigia muita dedicação e tempo, dada à complexa estrutura lingüística.

Continuando a falar sobre a comunicação entre jesuítas e indígenas, Neves (1993, p. 37) afirma:

A comunicação, não só durante esses primeiros onze anos, mas também durante todo o aprendizado dos vários jesuítas nas diferentes línguas da terra, foi uma conversação, desde o início, parcial, limitada e angustiante [...].

Podemos concluir que uma das maiores dificuldades em se relacionar com os indígenas era a falta de conhecimento das diversas línguas, encontradas por diferentes tribos daquele território.

Foi com a chegada de Anchieta que essas dificuldades foram sendo amenizadas, pois o mesmo elaborou em 1560 a chamada Arte da Gramática da Língua Brasílica.

Outra característica dos indígenas, segundo os jesuítas, é que os mesmos não trabalhavam e viviam apenas para o prazer, como ratifica Neves (1993, p. 49): “[...] A forma velha de viver, sem trabalho e com prazer, é vista como pecado. Essa sociedade, tal como se encontra, precisa ser modificada”. Continuando essa visão sobre o pecado, a autora apresenta o que Nóbrega pensava sobre isso e como faria para combatê-lo:

Se para NÓBREGA a “imoralidade” era um fato incontestável, outro fato era o seu combate, ou tentativa constante de exterminar a “promiscuidade” própria dessa terra [...] Neste sentido, na tentativa de “educar”, “moralizar” a sociedade, os jesuítas combatiam em diversas frentes. A primeira era com eles mesmos, porque era necessário ter muita fé para resistir aos pecados da carne! (NEVES, 1993, p. 50).

Outras características que podemos apresentar em relação aos indígenas eram a nudez, a bigamia e a antropofagia, fato que podemos confirmar pela fala de Neves (1993, p. 52):

[...] A luta maior era no campo da nudez, da bigamia e da antropofagia. Enfatizamos mais a ação contra a antropofagia porque, nas Cartas, é a mais acentuada, visto que a nudez, ainda que denunciada, não é tida como algo tão ameaçador, mas própria da ingenuidade do gentio.

Mas a característica que mais incomodava os jesuítas era a questão da antropofagia, a qual deveria ser exterminada, como podemos confirmar em Neves (1993, p. 52):

[...] mas é realmente contra a antropofagia que nesse período colonial a luta dos padres toma proporções gigantescas. Acabar com a antropofagia significa, para os pares e colonos, a sobrevivência, a reprodução.

Esse medo que rondava os jesuítas, por meio das guerras tribais que tinham como consequência a antropofagia, poderia atingir também ao padre que estivesse na tribo ameaçada, com nos apresenta Neves (1993, p. 44):

Mas o cuidado maior ainda estava relacionado às ameaças físicas face aos constantes ataques dos índios às aldeias. O medo da

antropofagia era constante nos jesuítas. Se em uma aldeia indígena ameaçada por uma tribo contrária houvesse um padre doutrinando, ele também era considerado “contrário”, e morria como os outros, por costumes antropofágicos, o que apavorava!

Neves (1993, p. 54) continua:

Aniquilar a antropofagia, a bigamia, a nudez, organizar os laços familiares nos moldes modernos, entre outras exigências de caráter “moral”, são pressupostos básicos para destruir uma sociedade organizada sobre estes pilares. O esforço de destruir a sociedade tribal se relacionava à construção de uma outra, pois a nova só se alicerça na extinção da velha.

Percebemos a grande preocupação dos jesuítas em relação aos pecados que os indígenas praticavam, sabendo-se que a visão de pecado era vista pelos jesuítas, os mesmos tentavam exterminar essas características, por meio da catequização e do batismo.

Mas, a partir da chegada dos portugueses ao Brasil, as formas culturais indígenas foram sendo modificadas, pois alguns deles, especialmente os jesuítas, tinham o objetivo de inserir nos indígenas uma nova cultura e uma nova forma de pensar, pautadas nas ordens da sociedade portuguesa. Como já foi apresentado, os missionários na Companhia de Jesus, ao chegarem no Brasil, encontraram algumas tribos com as quais os portugueses conseguiram maior contato, que foram os Tupinambás, Tupiniquins, Guaianás e Carijós, e estes grupos foram os primeiros a receber as aplicações da catequização, na Vila de Piratininga. De acordo com Paiva (2000), o determinante da cultura portuguesa da época era a sacralidade da sociedade: a crença no *orbis christianus* que se realiza sob o comando do Papa e do Rei. Esse era o modo cristão de se viver, pois naquele momento as pessoas serviam a Deus, ao Papa e ao Rei e seria assim que os missionários da Companhia de Jesus deveriam ensinar os indígenas a terem essa mesma visão cristã para viver. E uma das maneiras de modificar a visão dos índios foi por meio do teatro, realizado pelo Padre José de Anchieta.

Com essa necessidade de construir uma nova sociedade que os jesuítas objetivavam a catequização dos indígenas, a fim de acabar com todas as atividades que se apresentavam nas sociedades tribais, pois para eles eram atividades pecaminosas que não deveriam fazer parte dessa nova cultura, dentro dos moldes portugueses.

5. O SIGNIFICADO E OBJETIVOS DA CATEQUIZAÇÃO NO SÉCULO XVI

Para entendermos o processo de colonização por meio da evangelização, é preciso compreendermos o significado da catequização no século XVI.

Para isso, citamos o autor Paiva (1982), que apresenta a catequização como ação de conversão cristã. É preciso entender que naquele momento a catequização, além dessa ação apresentada por Paiva (1982), tinha também outros objetivos e interesses embutidos nessa ação como a conquista de mão de obra e a transformação de costumes, fazendo a inserção do índio na sociedade, dentro dos moldes portugueses.

Paiva (1982, p. 51) faz uma síntese de como a catequese realmente acontecia no século XVI:

Em princípio a catequese pregava a mesma doutrina e o mesmo comportamento, para índios, para colonos e para africanos. Na prática, porém, reduzia o índio à condição de grupo inferiorizado dentro da sociedade portuguesa. Por ela o índio foi sendo despojado de sua própria cultura, para atender aos interesses maiores do estamento mercantil português.

Os jesuítas precisavam modificar a forma de vida daqueles indígenas, para poder inseri-los nos moldes culturais de Portugal. Para essa mudança cultural se faziam necessárias algumas estratégias para que os indígenas aceitassem a nova cultura que se estava lhes impondo. Para isso, segundo Costa (2010, p. 62):

Era importante retirar os catecúmenos do ócio e discipliná-los em relação aos horários dedicados ao trabalho. A disciplina era palavra de ordem e os antigos povos nômades, assentados nas aldeias, trocaram a caça e a pesca pela agricultura e o cuidado com as lavouras. Um pequeno trecho de Serafim Leite (1938, p. 93) demonstra a importância do trabalho braçal nas aldeias, ainda que deva ser lido com reservas, pois o autor, além de ser jesuíta era um apologista dos mesmos: analisando a questão do trabalho pelos conceitos europeus: Os índios – afirma Leite – andavam ocupados

nas suas lavranças. E foi uma conquista da civilização a regularidade no trabalho.

Continuando a tratar da importância da catequização, podemos citar Neves (1993, p. 96):

Assim, afirmamos que, embora os jesuítas, como membros de uma congregação marcada pela disciplina, tivessem um rol de conhecimentos já definidos e muito delimitados pela censura religiosa (derivada ou não do movimento de Reforma, na Europa), eles adaptaram seus projetos culturais aos índios, instituindo o primeiro plano educacional brasileiro, sob as coordenadas do Pe. Manuel da Nóbrega.

Essa maneira de modificar as formas culturais indígenas se deu por meio de Nóbrega, como podemos identificar na fala de Neves (1993, p. 99):

Deve-se lembrar que Nóbrega, com seu senso prático, ajustou e adequou os conhecimentos da Companhia de Jesus à selvageria, estágio da humanidade anterior aos vivido pela civilização européia. Nóbrega adequou e ajustou os conhecimentos de Teologia (Doutrina, Moral, enfim, sistematização da doutrina cristã), de Teodicéia (tratados que justificam Deus, a existência do mal, da injustiça) às possibilidades cognitivas dos índios (NEVES, 1993, p. 99).

José de Anchieta pôde promover a catequização de uma forma com que os índios já estavam acostumados, ou seja, por meio das músicas e danças. Paiva (2000, p. 4) apresenta uma breve síntese sobre o teatro de Anchieta:

Anchieta teatraliza esta doutrina: a alma, já a caminho do céu, é cercada por demônios insidiosos que a querem levar, acusando-a de pecados cometidos. Ela contesta. Invoca a Nossa Senhora. Um anjo a salva e expulsa os demônios. O drama humano se configura em poucos termos: de um lado, Deus, a Virgem, os Santos e os Anjos; de outro, os demônios. Cada grupo parece ter uma só atividade: conquistar o homem.

Os jesuítas inseriam nos índios o respeito, a valorização do trabalho e os bons costumes, como podemos confirmar em Neves (1993, p. 102):

A nesta real do processo educativo, através da catequese, será ensinar os índios a respeitar o homem branco, as autoridades constituídas e a valorizar trabalho, as trocas, os bons costumes, etc. [...] Comportamentos próprios, portanto, dessa sociedade mais complexa que produz bens, que organiza a troca. Assim, quando as aldeias e as missões já estiverem organizadas, o tratamento será: **quem não trabalha não come!**”.

Percebemos o grande trabalho e preocupação dos jesuítas em catequizar os indígenas, mesmo com as grandes dificuldades apresentadas eles encontraram formas de auxiliar nesse processo de aculturação e inserção na fé cristã. Como apresentado no tema desse artigo uma das formas de catequizar foi realizada pela prática do teatro de Anchieta, o qual, na seqüência apresentaremos.

6. O TEATRO DE ANCHIETA E SEU PROCESSO PEDAGÓGICO PARA CATEQUIZAÇÃO NO SÉCULO XVI

Ao chegar ao Brasil em 1553, o Padre José de Anchieta já percebeu a ligação dos índios com a dança, música, festas e ritos. Produziu seus próprios materiais didáticos, pautados na literatura e no teatro. Anchieta não veio ao Brasil exclusivamente com fins da catequização, mas, segundo Costa (2010, p. 33), por seu dificultoso estado de saúde, entendendo que aqui poderia melhorar seus males:

A preocupação com o restabelecimento da saúde foi uma indicação e provavelmente um dos motivos para a sua vinda ao Brasil. Percebe-se algum tempo após a sua chegada, em 1554, pela sua primeira carta, que Anchieta (1988, p. 73) faz questão de informar que “minha disposição a qual cada dia se renova, de maneira que nenhuma maneira há de mim a um são”. O jesuíta continua a carta discorrendo sobre o trabalho, pois além de ensinar gramática em turmas diferentes é acordado para ensinar aos silvícolas e mesmo assim está bem disposto (COSTA, 2010, p. 33).

Em um primeiro momento Anchieta ensinava latim aos estudantes jesuítas e aprendia a língua da nova terra, o tupi, como podemos confirmar na seguinte citação:

[...] mas foi principalmente em S. Paulo de Piratininga, primeiro posto avançado da catequese no sertão, que Anchieta, mesmo ensinando latim aos estudantes Jesuítas, teve contínuo trato com os índios, aprendeu sua língua e seus usos, e escreveu a gramática tupi, já pronta em fins de 1555 [...] (ANCHIETA, 1977 p. 15).

Anchieta (1977), por aprender a nova língua, escreveu cartilhas para que os outros missionários pudessem utilizá-las, quando aportassem no Brasil. A necessidade da colonização era um fato para a Coroa Portuguesa, e essa colonização, por meio da catequização, foi de difícil aceitação por parte dos índios devido à tentativa dos colonizadores de acabar com a cultura indígena e inserir uma nova cultura totalmente diferente da dos seus costumes. Para amenizar as resistências, uma das estratégias para a catequização foi o teatro, idealizado e realizado pelo Padre José de Anchieta, adaptado à língua Tupi. Todos os teatros tinham como “atores” os indígenas. Segundo Costa (2010, p. 68):

A arte cênica era atrativa aos índios, pois eram eles mesmos que as encenavam e possuíam uma estrutura atrativa, embora os autos não fossem apenas para os indígenas, mas para os colonos em geral, apresentados preferencialmente em ocasiões festivas.

O teatro se realizou como processo pedagógico para a catequização dos índios. Para Neves (1993, p.126), discorrendo sobre a importância do teatro, “[...] Temos o teatro, estratégia que atingiu um alto grau de sofisticação na Colônia com fins educacionais.”. A catequização era, como afirma Costa (2010, p. 67), vista como uma atuação educativa, pois modificava a forma cultural dos indígenas:

A catequização indígena realizada pelos jesuítas era, também, uma atuação educativa, na medida em que formar o cristão era forjar uma parte importante e essencial da cultura ocidental, bem como o homem que dela era expressão. Compreendendo como se deu o processo inicial de colonização, podem-se compreender as raízes tanto da educação quanto da cultura brasileira.

As peças teatrais, como instrumento pedagógico de catequização, destinado aos índios, eram denominadas de diálogos ou autos e, por meios deles, ocorria a pregação de sermões, em forma de comédias, dramas, etc. Pelos autos eram

apresentados o medo e a fé, em que existia uma grande disputa entre o bem e o mal, e este sempre era derrotado, dando a entender aos índios a importância do bem. De acordo com Neves (1993, p. 126), a importância do bem é uma conclusão moral: “depois do mal vencido e arrependido, tem-se uma grande conclusão moral na forma de um sermão”. Em *Casa grande & senzala*, discorrendo sobre a vida cotidiana das crianças índias, Freyre (1987) afirma que a música, dança, jogos e brincadeiras eram utilizados pelos jesuítas, que os depuravam do seu real significado, transmudando a sua simbologia para um sentido cristão. Assim escreveu ele:

Os jesuítas conservaram danças indígenas de meninos, fazendo entrar nelas uma figura cômica de diabo, evidentemente com o fim de desprestigiar pelo ridículo o complexo Jurupari [de quem as crianças tinham medo]. Desprestigiados o Jurupari, as máscaras e os maracás sagrados, estava destruído entre os índios um dos seus meios mais fortes de controle social: e vitorioso, até certo modo, o Cristianismo (FREYRE, 1987, p. 129).

Analisar o teatro é entender o mesmo como uma direção da sociedade, a qual é expressa pelas histórias criadas. Segundo Neves (1993, p. 141):

No teatro, procura-se persuadir a platéia, que pedagogicamente se educa. A persuasão é própria do teatro porque basicamente o desenrolar da trama exige total envolvimento das pessoas. O ser humano, seus problemas, emoções, interesses e expectativas é a matéria prima trabalhada nos espetáculos!

Segundo Saviani (2008, p. 46), Anchieta se utilizava do idioma Tupi em suas práticas pedagógicas:

Para realizar seu trabalho pedagógico, Anchieta utilizou-se largamente do idioma Tupi tanto para se dirigir aos nativos como aos colonos que já entendiam a língua geral falada ao longo da costa brasileira.

O teatro seguia em uma estrutura padrão, ou seja, uma introdução ou ato inicial, uma parte central, em que existia o diálogo, e dois atos seguintes, em que apareciam as danças e despedidas.

Em um primeiro momento do auto acontecia o “cerimonial indígena de recepção” ao visitante, com danças até se chegar ao adro da igreja; no segundo momento, se dava o encontro do visitante com os chefes índios, tendo o ponto central do auto o diálogo; o terceiro momento mostrava a discussão entre os chefes sobre o visitante, se era mau (morte) ou bom (deixá-lo agir em paz), aqui também acontecia a vitória do anjo em relação ao diabo; o quarto momento seguia à conclusão moral do temor e amor de Deus com músicas ou danças.

Todos os autos do teatro anchietano seguiam esse mesmo modelo, caracterizando-se como uma estratégia para que os indígenas pudessem “aceitar” aos poucos aquele novo ideário de cultura, como podemos confirmar em Neves (1993, p. 128):

Na elaboração dos Autos, não passava despercebido a Anchieta nenhum detalhe que não pudesse transformar a apresentação em algo apoteótico e jubiloso. O Auto era um todo onde personagens, platéia e texto, estavam todos “enredados”. Criava-se ao longo da apresentação uma aura mágica de envolvimento, que tinha ao final do espetáculo o poder de deleitar e pretensiosamente regenerar o auditório. Deduzia-se que a mensagem transmitida pelo teatro era assimilada de forma mais integral [...].

Para analisarmos e compreendermos os processos pedagógicos dos autos, é preciso entendermos que os objetivos dos colonizadores eram as mudanças de costumes e valores dos povos indígenas para que os portugueses pudessem consolidar a colonização do Brasil com grande êxito. A catequização dos índios era uma das obras colonizadoras mais desejadas pelo rei de Portugal, obra que atenderia não só aos objetivos da colonização como também aos desígnios de uma sociedade sagrada, portanto, obra de Deus. O Padre Simão de Vasconcelos afirma:

À Alteza del-Rei Dom João III que então vivia, Príncipe tão pio, e inclinado a propagar a fé, que se lhe ouvira muitas vezes, que desejava mais a conversão das almas, que a dilatação de seu império. E com esta disposição da parte do Rei, e obrigação de nosso Instituto, foi fácil ajustar os intentos, e concluir, que se expedisse uma gloriosa missão a partes tão necessitadas. E consultando o negócio com os Padres mais graves, com o mesmo Rei D. João, e mais eficazmente com a Majestade divina, caiu a sorte venturosa sobre o Padre Manuel da Nóbrega (PAIVA, 2000, p. 2).

Para que possamos entender melhor cada momento do teatro anchietano e evidenciarmos seu processo pedagógico, analisaremos algumas partes do auto “Na Festa de S. Lourenço”, escrito pelo Padre José de Anchieta e apresentado em 10 de agosto de 1587, no Rio de Janeiro, na chamada aldeia de S. Lourenço, onde fica a atual cidade de Niterói. Tendo como cenários o porto da aldeia e o adro da capela de S. Lourenço e aproximadamente 14 personagens, este auto apresentou-se com um tema principal – a cena do martírio de S. Lourenço, com a tentativa de perversão do mal e a defesa de S. Lourenço pela aldeia, eliminando o mal. Esse auto foi apresentado nas línguas tupi, portuguesa e castelhana e o auto “Das onze mil virgens”, realizado na Vila de Vitória no Espírito Santo em 21 de outubro de 1585.

No Ato I, é apresentado o momento do martírio de S. Lourenço que foi queimado em um braseiro e, de acordo com a análise do livro que apresenta os Autos anchietanos, provavelmente era a estátua do Santo nessa atitude que se recebia à entrada da aldeia para a procissão até o adro da capela. Nesse momento de declamação de S. Lourenço, apresenta-se a submissão dele para com Jesus, enfatizando-se a importância de se apresentar aos índios que era Cristo que poderia “lavar”, acabar com todas as maldades e pecados que os mesmos realizavam, de acordo com os preceitos da Igreja Católica. Confirmamos essa questão apresentando uma pequena parte desse ato (Anchieta, 1977, p,143)

*Pues tu sangre redentor
lavo todas mis mancillas
arda yo em estas parrillas
com fuego de tu amor*
Pois teu sangue redentor
lavou-me toda maldade,
que eu arda sobre esta grade,
com o fogo do teu amor.

De forma semelhante podemos apresentar o Ato I do Auto “Das onze mil virgens”, em que se faz a saudação no porto à S. Úrsula, com a relíquia, por dois meninos que cantam e recitam, declamando o amor a Deus (Anchieta, 1977 p.278):

Cordeirinha linda,
como folga o povo!
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.
Nossa culpa escura
fugirá depressa,

pois vossa cabeça
vem com luz tão pura.
Vossa formosura
honra é do povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.
Cordeirinha santa,
de Jesus querida,
vossa santa vida
o diabo espanta.

No Ato II entram os personagens que representam três diabos, os quais desejam destruir a aldeia de S. Lourenço com pecados, apresentando, por meio fala do índio Guaixará, chefe dos diabos e seus criados, todas as atividades que os índios realizavam até a chegada dos portugueses, os quais as caracterizam como erradas e pecaminosas, como podemos citar em uma parte desse ato (Anchieta, 1977, p.146):

Moraséia e ikatú
jeguaká, jemopiránga,
samongy, jetyanguánga,
jemoúna, petymbú,
Karáí moñamoñanga...
Jemoyrõ, morapití,
jóu, tapuia, rara,
aguasá, moropotára,
manãna, siguarajy
- naipotári abá sejára.
É bom dançar, enfeitar-se
e tingir-se de vermelho,
de negro as pernas pintar-se,
fumar e todo emplumar-se,
e ser curandeiro velho...
Enraivar, andar matando,
e comendo prisioneiros,
e viver se emancipando
e adultérios espejando,
- não o deixem meus terreiros.

Podemos perceber igual momento no Ato II de “Das onze mil virgens”, em que aparece um diálogo entre o diabo, S. Úrsula e o anjo. Enfatizaremos a fala do diabo para mostrar a semelhança dos atos (Anchieta, 1977, p. 280):

Temos embargos, donzela,

a serdes deste lugar.
Não me queiras agravar,
que, com espada e rodela,
vos hei de fazer voltar.
Se lá em batalha do mar
me pisastes,
quando as onze mil ajudastes,
que fizestes em Deus crer,
não há agora assim de ser.
Se então de mim triunfastes,
hoje hei de vencer.

Após a apresentação dessas práticas, se inicia um grande diálogo entre Guaixará e seus criados, em que os mesmos conversam, enfatizando as práticas do mal e ironizando S. Lourenço, até que se apresentam diálogos entre o Diabo e S. Lourenço, e, a partir de um desses diálogos, o bem vai se engrandecendo frente ao mal, mostrando que é Deus quem livrará os indígenas de todo o mal apresentado pelo Diabo, como se apresenta (Anchieta, 1977, p.162):

Perory,
xe rayretá, xe ri.
Ko aikó pepysyrómo.
Ajúr yabáka suí
perokybyã rupi,
jepí me pepytybómo.

Alegrai-vos
filhos meus, e levantai-vos!
Para proteger-vos, eu
aqui estou; vim do céu.
Ao pé de mim ajuntai-vos:
dou-vos todo o auxílio meu!

Assim se apresenta esse ato, enfatizando-se que sempre o bem deve ser o lado em que os indígenas devem estar, pois ele sempre vencerá, como podemos perceber nos autos anchietanos, e deixar de lado todos os rituais que realizaram até a chegada dos portugueses.

No Ato IV são exaltados, pela fala do anjo, os sermões de temor e amor de Deus, toda a devoção a Deus e a S. Lourenço que livraram a aldeia de todo mal. E assim se faz até o momento da dança dos 12 meninos no quinto ato, apresentando sempre a alegria pela vitória do bem contra o mal e deixando sempre em evidência a

importância de se seguir o caminho do bem, apresentando aos índios todos os castigos que sofreram os diabos por terem seguido um caminho diferente, valorizando os novos costumes e inserindo novas regras de conduta, para se viver nessa “nova” sociedade que estava sendo construída nas terras brasileiras.

Isso também acontece no auto “Das onze mil virgens”, em que a fala de S. Maurício com S. Vital anuncia sempre a importância do bem e o poder do bem contra o mal, enfatizando o amor a Deus e honrando sempre a quem segue os preceitos Dele. Ao final da despedida, a procissão ainda ressalta o amor de Deus como apresentaremos abaixo (Anchieta, 1977, p. 284):

Isso é o que Deus quer.
Gauderm eles seu mandado,
que nós teremos cuidado
de guardar e engrandecer
este nosso povo amado.

Se quereis
aqui ficar, podereis.
Nem tendes melhor lugar
que aquele santo altar,
no qual, conosco, sereis
venerada sem cessar.

Percebemos as semelhanças as seqüências dos Autos anchietanos, com isso já podemos analisar que o processo pedagógico dos mesmos se assemelhavam, com o objetivo de ensinar os indígenas a realizarem sempre a prática do bem, pois sempre é este que vencerá.

7. CONCLUSÃO

A partir da leitura do auto “Na Festa de São Lourenço” e o Auto “ Das onze mil virgens”, pudemos evidenciar que o objetivo principal deles era apresentar aos índios a importância de se deixar de lado todas as práticas realizadas por eles, como a antropofagia, o adultério, as guerras tribais, etc. Tudo isso para que o índio pudesse se inserir nos padrões da sociedade portuguesa, em que todos eram tementes a Deus e realizavam apenas o que para o rei e para a Igreja Católica era correto.

O processo educativo é determinado por fatores sociais, políticos e pedagógicos e, como tal, precisa ser definido de acordo com seu contexto histórico-social. Trazendo para o nosso estudo o entendimento do teatro anchietano como processo pedagógico, percebemos que o mesmo se apresentou como um processo, pois desejou a transformação do indivíduo, pois o que os jesuítas almejavam, além da conversão cristã, era exterminar, todo e qualquer costume e hábitos, toda e qualquer característica e cultura, que os indígenas tivessem, para formá-los dentro de uma nova sociedade, com um novo contexto histórico – social.

Percebi com esse estudo a grande importância de nós pedagogos conhecermos a educação no Brasil, não só a educação que temos na atualidade, pois essa nós conhecemos as questões e necessidades que a permeiam. Nós pedagogos somos a educação de temos o dever de conhecer todos os processos pedagógicos e educacionais que fizeram e fazem parte da educação do Brasil, para que possamos realmente compreender todos os contextos e necessidades que cada momento educacional priorizou na educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, J. **Teatro de Anchieta**. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

ANCHIETA, José. *Cartas: Informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. Cartas Jesuíticas.

CANTOS, Priscila Kelly. **A educação na companhia de Jesus**: um estudo sobre os Colégios Jesuíticos. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2009_priscila_cantos.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2011.

CARTAS DO BRASIL, 1549-1560. Publicações da Academia Brasileira. Officina Industrial Graphica, Rio de Janeiro, 1931. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/34140493/Padre-Manoel-da-Nobrega-Cartas-do-Brasil>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

COSTA, Mariza Domingos da. **Evangelização e Educação dos Índios no Brasil Colonial**: as concepções de Manoel da Nóbrega e José de Anchieta. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2010_mariza.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1987.

GUIA TERCEIRO MUNDO. Rio de Janeiro, 1986. p. 25-30.

LEITE, Serafim. **Historia da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938-1950. 10 v. il.

MESGRAVIS, Laima. **O Brasil nos primeiros séculos**. São Paulo: Contexto, 1994.

NEVES, Fátima Maria. **Educação Jesuítica no Brasil Colônia**: a coerência da forma e do conteúdo. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

NÓBREGA, M. **Cartas do Brasil e mais escritos** (*opera omnia*). Coimbra: Universidade, 1955.

NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. Coleção Cartas Jesuíticas.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e catequese**: 1549-1600. São Paulo: Autores Associados, 1982.

PAIVA, José Maria de. Transmitindo cultura: A catequização dos índios do Brasil, 1549-1600. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 1, num. 2, julio - diciembre, 2000, pp. 1-22. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil.

SAVIANI, D. **Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.